

## Reflexões sobre o problema do amor e o erotismo – ensaios por Lou Andréas-Salomé

*Regina Maria de Souza\**

[ANDREAS-SALOME, Lou. São Paulo: Landey Editora, 2005,  
126p.]



*Lou Andreas - Salomé*

...no amor, são dois mundos estranhos que se encontram; dois contrários, dois mundos entre os quais não existe e nunca poderão existir essas pontes lançadas entre nós, nem aquilo que aparentemente nos está ligando.

*Lou Andreas- Salomé*

A leitura de um bom texto não se consome pelos rápidos atos de passagem dos olhos ao longo de suas páginas; ao contrário, dá nova vida às formulações de nossos pensamentos, inquieta-nos e movimenta-nos para um exercício de revisão de nossas próprias histórias. Ao mesmo tempo, permite-nos participar da criação

\* Professora de Psicologia do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação, UNICAMP. [resouza@unicamp.br](mailto:resouza@unicamp.br)

1. Foto disponibilizada para *download* público em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Lou\\_Andreas-Salome](http://en.wikipedia.org/wiki/Lou_Andreas-Salome)

do próprio autor – as formas como se metamorfoseia em prosa, formula suas argumentações e a delicadeza (ou não) com que conduz seu leitor no fluxo de suas elaborações. Assim foi, para mim, ler os dois ensaios de Lou Salomé: *Reflexões sobre o amor* e *O erotismo*, ambos elaborados a pedido de Martin Buber para duas revistas alemãs: *Neue Deutsche Rundschau* (em 1900) e *Die Gesellschaft* (em 1910), reunidos em um mesmo tomo pela Landy Editora. Nos dois ensaios, mais que sermos apresentados às idéias da autora sobre o amor, deparamo-nos com mosaicos da mulher Lou Salomé. Nascida em São Petersburgo (Rússia) em 1861, teve uma trajetória que se emaranhou com percursos de personagens como Nietzsche, Freud, Rilke, Paul Rée e Tausk. Em todos eles despertou intensos sentimentos, e por eles se deixou afetar, transformando a energia amorosa que nela se produzia para escrever passagens delicadas, como a que segue:

Também se diz, e não sem razão, que o amor concede sempre a felicidade, mesmo o amor infeliz; isso com a condição de darmos a essa máxima um sentido suficientemente desprovido de sentimentalidade e, por isso, sem levar em conta o parceiro amoroso. Pois, ainda que pareçamos completamente repletos dele, estamos de fato repletos do nosso próprio estado que, como acontece em todos os estados de embriaguez, nos torna incapazes de nos interessarmos objetivamente por qualquer coisa.

O objeto amado limita-se, por isso, a ser o desencadeador de nossa agitação. E o faz do mesmo modo que um som ou um perfume, vindos do mundo exterior e lembrando a existência de mundos plenos, podem vaguear num sonho noturno. (p. 68)

Para ela, amar não é sinônimo de possuir. A posse do objeto, reduzida ao ato de devorar o outro, nada pode fazer nascer de novo naquele que ama – tal como no mecanismo de alimentação, o que se tem, nesse caso, é a expulsão do objeto destruído após a assimilação de algumas de suas partes, transformadas, narcisicamente, na mesmidade de um “eu” bulímico. Amar também não é o encontro de um corpo com sua cara metade – nenhuma metade integra o que no corpo haverá sempre como falta.

Não surpreende, pois, o fato de ter recusado o pedido de casamento que lhe fez Nietzsche. Vale lembrar que foi apresentada a ele por Paul Rée, durante um passeio na Basílica de São Pedro, quando tinha 21 anos. Em Nietzsche julgava ter encontrado um intelectual brilhante que poderia, em muito, contribuir em sua formação. Rée também a estimulava. Por conta dos efeitos que produziam nela (e ela em relação a eles), chegou a considerar a possibilidade de comporem um conjunto ternário em que cada um poderia se oferecer ao outro como elemento catalisador de estimulantes criações intelectuais e afetivas. A proposta dessa *ménage*

*a trois* intelectual não vingou, e o fim de sua relação com Nietzsche foi expressa por ele em dezembro de 1882, em carta dirigida a Overbeck, seu editor:

Minha relação com Lou está nos últimos e mais dolorosos momentos. Pelo menos assim o creio hoje. Mais tarde – se houver um mais tarde – quero dizer uma palavra a respeito. Compaixão, meu caro amigo, é uma espécie de inferno, digam o que quiserem os adeptos de Schopenhauer (PFEIFFER, 1992, p.15, grifo do autor).

Parece inexplicável que uma mulher, tendo vivido intensamente em companhia de Paul Rée durante 4 anos, entre 1882 e 1886, tenha se casado “repentinamente” com o lingüista Friedrich Carl Andréas em 1887. Em sua *Retrospectiva de Vida*, Lou se refere a esse momento da seguinte forma:

a coerção sob a qual dei o passo irrevogável não me separou dele (Paul Rée), mas de mim mesma (PFEIFFER, 1992, p.15).

Apesar de sua posição contrária à institucionalização do amor, materializada no ato civil do casamento, com todo o peso de uma moralidade que passa ao largo da lealdade (mas não da fidelidade contratual), manteve-se casada até a morte do marido em 1930. Ao longo de sua vida, manteve correspondências com homens de grande brilho intelectual, entre eles, o jornalista francês George Lebedour e o próprio Freud.

Se considerarmos todo esse contexto de vida e o processo de criação que Lou concebeu a Lou Andréas-Salomé em suas várias faces - escritora, ensaísta, poeta, mulher apaixonada pela vida e pelo percurso criador de si mesma - muitas são as formas possíveis de se entender o que escreve nas últimas páginas de seu ensaio *O erotismo*. Recorto, abaixo, o seguinte trecho:

Um laço aceito para uma vida inteira só é estabelecido ao preço do apagamento de um afeto anterior, do surgimento de uma vontade posterior e destinada a durar, daquilo que se sabe suficientemente rico para conseguir em tais sacrifícios. Porque o que aí se quer vivido até o fim é uma vida que requer a mesma proteção, as mesmas atenções e o mesmo espírito de sacrifício que o filho engendrado pelos corpos. No fundo, isso não é mais nem menos que aquilo que implicitamente se pretende de quem quer que se dedique, contra ventos e marés, a um serviço, a uma causa, a que coraria como jamais antes se tivesse se tornado um desertor no exato momento em que foi colocado em perigo (p. 114-115).

Para Lou Salomé, a embriaguez erótica é um dos principais componentes para a transformação do amor em espaço de criação de si. Ao longo dos dois ensaios, o que me pareceu como idéia principal é a compreensão do amor e do erotismo em sua natureza estética, em outros termos, na potência que nos oferece para uma (re)escrita de nós mesmos. Salomé afirma o amor como uma estética de existência. Daí porque parecem bastante coerentes as discussões que realiza sobre o erotismo e a arte em um dos capítulos de seu ensaio *O erotismo*. A potência auto-criadora do amor está presente, também, em todas as suas *Reflexões sobre o problema do amor*. Nesse texto, Lou Salomé propõe a indissociabilidade do amor e do ódio:

...no amor, *são dois mundos estranhos* que se encontram, dois contrários; dois mundos entre os quais não existe e nunca poderão existir essas pontes lançadas entre nós, nem aquilo que aparentemente nos está ligando: algo semelhante, *familiar* e que nos dá a sensação de caminharmos para nós mesmos e em nossos próprios domínios quando dele nos aproximamos. Não é por acaso que, às vezes, o amor e o ódio se assemelham e tendem, por conseguinte, a se alternar na tempestade da paixão. (p. 15-16, grifos meus).

A partir de estudos psicanalíticos posteriores, podemos dizer que o componente narcísico do “eu” reage de modo virulento a esse outro que lhe é, inescapavelmente, estranho e inacessível, daí repousa toda a dramaticidade trágica presente no amor. Não por acaso, as palavras *tragédia* e *embriaguez* aparecem com muita frequência nos dois ensaios, mas de um modo a não se poder conferir a elas o traço do sentimentalismo romântico presente, por exemplo, no clássico *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Longe disto, no rastro das argumentações de Lou Salomé, o sujeito que ama é personagem e ator de uma Odisséia permanente na qual fazer-se herói, ou heroína, está menos no que consegue capturar do outro e mais naquilo que consegue transformar em si mesmo como efeito, poupando o outro da fagocitose, para se transformar em criador de si. Um artista, como nos lembra Lou Salomé, não se apropria do objeto que o inspirou (uma árvore, uma montanha, uma cena cotidiana). Embriagado por ele, antes *o traz* para si e dele faz uma obra de arte, deixada, por sua vez, a quem puder dela fazer também algo para si, sem, todavia, tomá-la como posse.

Nas palavras de Lou-Salomé:

Permanecer eternamente estranhos um ao outro, permanecendo eternamente próximos: essa é a lei de todo amor, ao caráter que lhe é imposto e que nunca se extingue. Pois não é apenas no caso extremo que mencionamos, nem também no desprezo ou no amor não partilhado, mas em todas as situações em que seres humanos se amam, que um

se limita a tocar o outro de leve, abandonando-o, depois, a si mesmo. É sempre uma estrela inacessível aquela que amamos, e todo amor é sempre, em essência íntima, uma tragédia – mas que só nessa qualidade pode produzir seus efeitos imensos e fecundos. Não é possível mergulharmos tão profundamente em nós, não é possível extrairmos o que quer que seja das profundezas da vida, nessa região onde todas as forças repousam ainda enlaçadas, e todos os contrários ainda estão indiferenciados, sem sentirmos em nós a felicidade e as tormentas em sua conexão misteriosa.

... Apenas um homem sabe que a felicidade e tormento são a mesma coisa, em todas as experiências mais intensas e em todos os momentos fecundos da vida: é o criador (p. 46-47).

O objeto amado deve ser, pois, tocado, mas deixado em seu próprio curso para fazer de seu trajeto algo similar a que o seu amante pôde fazer germinar em si. Para sermos leais a Lou Salomé, penso que deveríamos ler seus dois ensaios não para deles tomar como posse o que neles está lá como obra acabada, mas para – por eles embriagados – fazermos germinar em nós formas outras de experiencarmos o amor e o erotismo.

Em nenhum momento, nesses dois ensaios, Lou Salomé cita Freud, mas, certamente, o fundador da psicanálise nela se inspirou quando, pelos tempos de 1924 a 1929, revê suas teses sobre a relação entre o amor e o ódio, concluindo pelo caráter indissociável desse dualismo pulsional, que impelem, dão pulso e vida ao psiquismo em sua natureza ao mesmo tempo individual e cultural.

Ao final dessa resenha, tive a curiosidade de levantar nas *Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* se – e quantas vezes – Lou Salomé foi mencionada. Freud cita-a nos volumes VI (*Capítulo VIII – Equívocos na ação*); XVI (*Conferência XX*), XVII (*As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*), XXII (*Conferência XXXII*) e, finalmente, no volume XXIII – onde repousam as palavras usadas por Freud para se despedir, para sempre, de quem foi, para ele, “a poeta da psicanálise”. Finalizo com Freud (1937):

A 5 de fevereiro deste ano, Frau Lou Andreas-Salomé faleceu pacificamente em sua casinha de Göttingen, com quase 76 anos de idade. Durante os últimos 25 anos de sua vida, essa notável mulher esteve ligada à psicanálise, à qual contribuiu com trabalhos valiosos e que também praticou. Não estarei dizendo demais se reconhecer que todos nós sentimos como uma honra quando ela se juntou às fileiras de nossos colaboradores e companheiros de armas, e, ao mesmo tempo, como uma nova garantia da verdade das teorias da análise.

(...)

Claramente sabia onde devem ser procurados os verdadeiros valores da vida. Aqueles que lhe foram mais íntimos tiveram a mais forte impressão da genuinidade e da harmonia de sua natureza, e puderam descobrir com espanto que todas as fraquezas femininas e talvez a maioria das fraquezas humanas lhe eram estranhas ou tinham sido por ela vencidas no decorrer de sua vida. (...)

Minha filha, que foi sua amiga íntima, ouviu-a um dia lamentar não ter conhecido a psicanálise em sua juventude. Mas, afinal, naqueles dias não existia tal coisa.

Sigm. Freud, Fevereiro de 1937.

### Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Lou Andréas-Salomé. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, p.333-334, 1975 (1937).

PFEIFER, Ernst. Prefácio. In: ANDRÉAS-SALOMÉ, Lou. *Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

*Recebido em 03 de março de 2006 e aprovado em 28 de abril de 2006.*